

**A SAGA DE SUPRIANO NA BUSCA POR UMA ENXADA:
DA RESISTÊNCIA AO DEFINHAMENTO**

THE SAGA OF SUPRIANO IN THE SEARCH FOR A HOE:
FROM THE RESISTANCE TO THE EMACIATION

Thiago André Rodrigues Leite¹
Karine Rios de Oliveira Leite²
Rhayssa Naillany Martins Sousa³

RESUMO:

Escrito na década de 1960, o conto “A enxada”, do escritor goiano Bernardo Élis, revela traços do regionalismo brasileiro, pois, por exemplo, o narrador apresenta, muitas vezes, vocabulário e sintaxe próximos ou idênticos aos dos personagens campestres, o que mostra certo aspecto humanizador desse conto, no qual é narrada a saga do protagonista Supriano na busca por uma enxada. Também conhecido como Piano, esse matuto sai desenfreadamente à procura dessa ferramenta para plantação de arroz na roça do personagem Coronel Elpídio Chaveiro. Tal matuto persiste insistentemente nessa procura, de maneira que suas forças física e mental definham-se ao longo do conto, já que a busca pela enxada torna-se para ele um grande fardo e enfado. Neste artigo, procuramos problematizar a relação entre as condições de produção de (sobre)vivência de Supriano e o seu modo modalizado e eufemístico de dizer. Temos como objetivo analisar esse modo de dizer, o qual parece apontar para uma resistência pacífica do protagonista à maneira de ser de uma sociedade coronelesca e desumana. Hipotetizamos que essa resistência produziria como efeito o sacrifício de si, o qual desembocaria no definhamento físico e mental desse matuto. Para a efetivação do nosso texto, pautamo-nos na teoria discursiva de Foucault (1995), sobretudo no que diz respeito às noções de poder, violência, luta e resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Saga; Resistência; Definhamento.

ABSTRACT:

Written in the 1960s, the tale “A enxada” (“The Hoe”), by the writer Bernardo Élis, reveals features of the Brazilian regionalism, because, for example, the narrator has, many times, vocabulary and syntax close or identical to those from countryman characters, what shows certain humanizing aspect of that tale, in which is told the saga of the protagonist Supriano in the search for a hoe. Also known as Piano, this redneck goes out wildly looking for that tool for rice planting on the character Colonel Elpídio Chaveiro’s farm. The redneck persists

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, UFU. Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Goiás, IFG, Campus Águas Lindas. E-mail: thiago.leite@ifg.edu.br

² Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia, UFU. Professora de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Goiás, IFG, Campus Águas Lindas. E-mail: karine.leite@ifg.edu.br

³ Discente do Curso Técnico em Vigilância em Saúde integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal de Goiás, IFG, Campus Águas Lindas. E-mail: rhayssamartinsou@gmail.com

incessantly in that search, so that his physical and mental strengths languish throughout the tale, since the search for the hoe becomes to him a big burden and boredom. In this article, we intend to problematize the relation between the production conditions of Supriano's livingness/survival and his modalized and euphemistic way of saying. We aim at analyzing that way of saying, what seems to indicate to a pacified resistance of the protagonist to the way of being of a society full of coronelism and inhumanity. Our hypothesis is that resistance would produce as an effect the self-sacrifice, what would end in physical and mental languish of that redneck. For the realization of our text, we based on the discursive theory by Foucault (1995), more specifically on the notions of power, violence, struggle and resistance.

KEY-WORDS: Saga; Resistance; Emaciation.

INTRODUÇÃO

A literatura do século XX (de)marca um ponto crucial na produção escrita, pois traz à cena literária o homem “comum”, da cidade ou do campo, com seus dizeres ordinários, o que é corroborado pelo texto em prosa do regionalismo brasileiro, pensando acerca dos pontos de vista da estrutura e do tema. Conforme Candido (1972), esse regionalismo tem, em geral, como aspecto humanizador, a figura do narrador, que produz a dissolução do homem culto no homem rústico em termos de dizeres. Essa dissolução pode ser visualizada no conto “A enxada”, do escritor goiano Bernardo Élis. Escrito na década de 1960, esse conto revela traços do regionalismo brasileiro, já que, por exemplo, o narrador apresenta, muitas vezes, vocabulário e sintaxe próximos ou idênticos aos dos personagens campestres, o que mostra certo aspecto humanizador desse conto, no qual é narrada a “saga”⁴ do protagonista Supriano na busca por uma enxada.

O trabalhador rural matuto Supriano, cujo codinome é Piano, tem esposa e filho: Olaia, que se torna parálitica em decorrência do parto do filho, o qual tem problemas mentais, não chegando sequer a receber um nome próprio, é um “bobo babento”, segundo descrito no conto. Ao se referir à Olaia, o narrador diz que as “pernas dela eram o bobo, que ela conservava sempre encostado. Quando tinha de ir mais longe, amontava na cacunda dele e lá se iam aqueles destroços humanos pelos trilheiros, numa função de anta no vício” (ÉLIS, 1979, p. 98). O dizer empregado pelo narrador permite-nos pensar em um vocabulário que se

⁴ Concebemos o termo “saga” relacionado a uma narrativa repleta de acontecimentos imprevisíveis. Por exemplo: alguém que é trabalhador do campo, uma espécie de matuto, que faz da terra seu habitat, extraindo da natureza sua sobrevivência, permite-nos pensar que uma ferramenta tão comum para esse tipo de afazer, como uma “enxada”, seria de fácil acesso. Entretanto, o que parece “óbvio” passa a se configurar como uma luta (in)sana e (in)cessante, isto é, uma saga (in)suportável para quem resiste do modo como parece resistir: na passividade, na obediência e, em última instância, na (in)tolerância, conforme procuramos desenvolver ao longo deste artigo.

aproxima do vocabulário de personagens regionais. As concordâncias nominais e verbais e o uso da preposição “de” com o verbo “ter” são construções tipicamente do dizer culto, porém, ao dizer “amontava”, “cacunda”, “função” e “anta no vício”, o narrador mostra-se afetado pelo (e identificado com o) vocabulário regional.

Piano sai desenfreadamente à procura de uma enxada para plantação de arroz na roça do personagem Coronel Elpídio Chaveiro. Tal matuto persiste insistentemente nessa procura, de maneira que suas forças física e mental deterioram-se, definham-se, ao longo do conto, pois a busca pela enxada torna-se um grande fardo e enfado ao protagonista: alguém “jeitoso”, no sentido de ter capacidade e vontade para a execução da tarefa a ele destinada, entretanto “malsucedido” em sua relação com a sociedade da época. Na verdade, o protagonista é, de certa forma, reflexo/produto de uma sociedade capitalista marcada por condições desiguais, exploratórias e humilhantes.

Nesse sentido, o modo como o Coronel Elpídio trata Supriano quando este lhe pergunta pela enxada indicia uma relação de humilhação: “vai-se embora, negro. E se fugir te boto soldado no seu rasto” (ÉLIS, 1979, p. 86). Essa mesma relação é indiciada quando o protagonista, por ainda não ter conseguido uma enxada, ouve do Coronel: “está brincando moleque, mas eu te pego você” (ÉLIS, 1979, p. 87) e, “se fugir”, sai mais caro...” (ÉLIS, 1979, p. 87). É preciso esclarecermos que, conforme Orlandi (2012, p. 219),

sentimentos, na perspectiva em que trabalho, são sentidos produzidos por uma prática ideológica, ou melhor, por uma ideologia que é uma prática. No capitalismo, a prática da humilhação faz parte da produção das relações sociais em que significa o processo de alienação. Que, na contemporaneidade, como tenho insistido, resulta ou se apresenta na *segregação* (grifo da autora).

Em outras palavras, compreendemos que a humilhação como sentido produzido por prática social é prevista nas relações sociais do capitalismo, que separa e exclui quem é, socialmente, menos favorecido. Assim, ao ser chamado de “negro” e “moleque” de maneira ofensiva e ao ser ameaçado pela construção condicional “se fugir”, resultando em “te boto soldado no seu rasto” e “sai mais caro”, podemos perceber uma prática ideológica que humilha, segrega e pune. Essa prática pode ser vislumbrada via o fato de que Supriano é colocado como uma espécie de “resto”, não sendo digno de receber nem mesmo uma simples enxada para trabalhar, embora se sacrificando tanto por ela.

Neste artigo, procuramos problematizar a relação entre as condições de produção de

(sobre)vivência de Supriano e o seu “modo modalizado e eufemístico de dizer”⁵. Temos como objetivo analisar esse modo de dizer, o qual parece apontar para uma resistência pacífica do protagonista à maneira de ser de uma sociedade coronelesca e desumana. Hipotetizamos que essa resistência produziria como efeito o sacrifício de si, o qual desembocaria no definhamento físico e mental desse matuto. Para a efetivação do nosso texto, pautamo-nos na teoria discursiva de Foucault (1995), sobretudo no que diz respeito às noções de poder, violência, luta e resistência.

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: O CAPITALISMO CORONELESCO E AS RELAÇÕES DE PODER E VIOLÊNCIA

Orlandi (2012) afirma que, no capitalismo, a ideologia trabalha no domínio pessoal e no domínio do social com formas de onipotência, sugerindo a pretensa possibilidade de tudo se poder fazer. A ideologia é entendida pela autora “(...) não como ocultação mas como produtora de evidências, imaginário que relaciona o sujeito a suas condições materiais de existência” (ORLANDI, 2012, p. 213). Supriano está submetido a relações de onipotência que o privam da ferramenta básica para o plantio de arroz: uma enxada. Mesmo insistindo que não quer nenhuma enxada gratuitamente, o protagonista não tem êxito com o Coronel Elpídio, que faz dele uma espécie de marionete, sendo vigiado e punido verbal e fisicamente. Afinal, o Coronel é mais soberano que o Estado, já que, por exemplo, além de ser chamado de “capitão” pelos soldados, ele os “comanda”, dando-lhes ordens, como: “você me leve esse fujão até a saída da rua, viu?” (ÉLIS, 1979, p. 95). Essa atitude de Seu Elpídio é associável ao fato de que, de acordo com Orlandi (2012, p. 216),

o capitalismo é uma relação social constituída historicamente, caracterizada pela compra e venda da força de trabalho, uma relação entre proprietários dos meios de produção e o proprietário da força de trabalho. Nesta relação, como se disse, já, em abundância, o homem torna-se uma mercadoria.

No conto em questão, Supriano não é sequer proprietário, dono, de sua força de trabalho, mas, sim, uma “moeda de troca”. Para além de uma relação produzida pelo sistema

⁵ Entendemos o modo modalizado de dizer como aquele que se vale de marcas linguísticas para a expressão de um ponto de vista sobre o que se diz (tempos e modos verbais, como o futuro do pretérito do indicativo; palavras e expressões próprias, como “por favor”, entre outras). Já o modo eufemístico entendemos ser o acirramento dessa modalização, envolvendo reconstrução sintática e substituição de palavras, com semelhante direcionamento de sentidos. Semelhante, por envolver o “mesmo” dizer, porém com outras palavras, expressões e/ou ideias que suavizem o sentido.

capitalista, é possível pensarmos em uma relação de “capitalismo coronelesco”⁶, visto que não é concedida ou permitida a Piano nenhuma enxada, condição material básica para a realização do plantio de arroz. Por isso, a busca por essa ferramenta torna-se uma saga, a qual dá grandes vestígios de que o protagonista sofre relação de violência. Tecendo uma distinção entre “relação de violência” e “relação de poder”, Foucault (1995, p. 243) afirma que

uma relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas; ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro pólo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder: que “o outro” (aquele sobre o qual ela se exerce) seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito de ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis.

Tendo como base essa citação, entendemos que, na relação de violência, pode haver resistência, porém de maneira reduzida, já que essa relação (pre)vê e produz um sujeito passivo. Na relação de poder, há um campo promissor de resistência, visto que essa relação (pre)vê e produz um sujeito ativo, sujeito de ação, portanto de diferentes possibilidades de (re)ações e passível de assumir (novas/outras) posições sociais e discursivas; trata-se de um “espaço” de movência nas relações. Em suma, é possível compreendermos que, na relação de violência, há a produção de um sujeito sem muita ação efetiva de resistência; na relação de poder, há a produção de um sujeito com muita ação efetiva de resistência.

Nessa perspectiva, parece-nos que, numa relação de violência, há uma grande tendência ao definhamento físico e mental, uma vez que, nesse tipo de relação, não há muito espaço para a (re)composição de si. Isso nos remete ao fato de que, com o tempo, Supriano sente-se faminto, fraco e debilitado. “Estava cansado, cansado, muito cansado mesmo” (ÉLIS, 1979, p. 95). O protagonista chegou a pensar que já havia plantado a roça de arroz: “será que já plantei o meu arroz? Sim. Plantara. Pois não vira a roça que estava uma beleza?” (ÉLIS, 1979, p. 96). A voz de Piano se funde à voz do narrador, que dá indícios do definhamento físico e mental do matuto, devido, possivelmente, à relação de violência por ele enfrentada.

Segundo Foucault (1995), as relações humanas são constituídas pela

⁶ Concebemos o capitalismo coronelesco como um funcionamento social que mostra divisões muito bem delimitadas entre classes sociais distintas e entre sujeitos que (não) exercem poder com excesso. O coronelismo traz novas formas de produção na sociedade capitalista, as quais envolvem, de um lado, os “coronéis”, os que “eram, de ordinário, os mais opulentos fazendeiros ou os comerciantes e industriais mais abastados, os que exerciam, em cada município, o comando” (CARONE, 1971, p. 85), e, de outro, os agregados, “escravos, escravos, trabalhadores de oito assalariados, todos necessitam do trabalho, alimentação e proteção do senhor”, ou seja, do “coronel” (CARONE, 1971, p. 86). Ao empregarmos o termo “coronelesco”, queremos realçar o aspecto pejorativo produzido por esse termo e a consequente crítica ao modo de funcionamento dessa sociedade. Cadernos da Fucamp, v.18, n.34, p.- /2019

indissociabilidade entre poder e resistência. Em nossa compreensão, diferentes exercícios de poder promovem diferentes modos de resistência, significando que certos modos de poder, em determinadas condições de produção, tendem a gerar certos modos de resistência. Isso nos faz pensar que, em toda relação de violência, há poder, mas, nem sempre, em relação de poder, há violência. O exercício do poder

(...) incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; *no limite, ele coage ou impede absolutamente*, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (grifos nossos) (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Há poder onde há possibilidade, ínfima que pareça ser, de resistência, de (re)ação contrária, ou seja, há poder onde há (certa) liberdade de o sujeito se subjetivar e resistir. Assim, a resistência de Supriano parece se dar, em grande parte, pacificamente, já que não é dada a ele muita possibilidade de (re)ação, isto é, o protagonista não é “ouvido” ou “visto” pelo Coronel Elpídio. Ao contrário, é por ele coagido e impedido de reivindicar uma “simples” enxada, pois está submetido fortemente à relação de violência, a qual aponta ser um exercício de poder massacrante, que cala, cerca e cerceia possíveis (re)ações.

A RESISTÊNCIA DE SUPRIANO: PASSIVIDADE, OBEDIÊNCIA E (IN)TOLERÂNCIA

A passividade de Supriano diante dos dizeres agressivos, violentos e sarcásticos proferidos pelo Coronel Elpídio, como em “nego à-toa, não vale a dívida e ainda está querendo que te dê enxada! Hum, tem muita graça!” (ÉLIS, 1979, p. 85), apontaria para um modo de resistência pacífica, que não coincide com resistências de personagens que desobedecem a ordens e se rebelam. A resistência de Piano seria uma resistência de mártires, ou seja, uma resistência que afrontaria pela via do silêncio aparente e da obediência às ordens humanas de uma determinada época, ocorrendo, em momentos pontuais, pequenos indícios de inconformismo.

Sob essa ótica, destacamos que Supriano tem até mesmo a ideia de furto de uma enxada. “O diabo, porém, é que não era fácil” (ÉLIS, 1979, p. 88), já que, por exemplo, mesmo pela pequena possibilidade de suspeita de furto, pessoas eram mortas no mato. Isso mostra algo das condições de produção da época: gente morta pela simples suspeita de algum

roubo, apontando para uma sociedade dura e desumana, a qual produziu, de certa forma, Piano, alguém dotado de zelo no trato e tolerante, porém constituído por momentos de intolerância.

Em certa cena do conto, numa venda, um amigo do protagonista o chamou para tomar uma cachaça. “Piano aceitou, tomou o gole de cachaça, guspiu grosso, limpou os beiços com as costas das mãos, no *bom preceito*” (grifos nossos) (ÉLIS, 1979, p. 91), isto é, dentro do que determinam certas prescrições sociais relacionadas aos chamados “bons modos”. Em outra cena, o padre, que prometeu uma enxada ao matuto, não conseguiu encontrá-la. “Piano reconhecia o empenho do padre, mas não pretendia dar-lhe maiores trabalhos. Deixasse aquilo. Que se podia fazer? Melhor entregar para Deus, que é pai. Piano pediu louvado e saiu no maior dos desconsoles (...)” (ÉLIS, 1979, p. 92). Ao desejar não incomodar o padre, assim como o próprio recorrer à religiosidade, compreendemos ocorrer nessa atitude o “bom preceito”. Porém, embora haja a aceitação de não se ter conseguido a ferramenta sob a crença de que Deus sabe (de) tudo – o que coincide com a resignação e a tolerância do protagonista –, sua falta de consolo por não a ter conseguido indicia certa intolerância. Isso porque, se fosse apenas tolerância, Supriano, a nosso ver, não teria se sentido desconsolado.

Um conhecido de Piano lembrou-se de um irmão que poderia ter uma enxada para emprestar. Esse irmão morava no rio Vermelho. Ao ir para esse lugar, dois soldados acharam que o protagonista estava fugindo e atiraram com fuzil no mato onde ele havia entrado. “Quando viu foi as patas imensas dos cavalos pisando o barro juntinho com sua cara e já Piano sentia uns safanões, socos, pescoções. Puseram ele de pé, amarraram as munhecas com sedenho. Tudo tão no sufragante!” (ÉLIS, 1979, p. 93). A atitude dos soldados dá vestígios de uma sociedade coronelesca que não se interessa pelo “ouvir” o segregado, mas, sim, pelo vigiar, violentar e punir. Sem saber de nada, Piano simplesmente diz: “pelo amor de Deus, por que que estão fazendo isso com a gente, ara?” (ÉLIS, 1979, p. 93). Chama-nos bastante a atenção o modo como o protagonista (re)age perante a violência física dos soldados: questionando-os! A interjeição “ara”, variante de “ora”, parece produzir efeito de surpresa e dúvida, mas também de intolerância.

Nesse sentido, entendemos que a resistência de Supriano não se restringe à passividade, à obediência e à tolerância, alçando-se à intolerância. Embora ocorra, a nosso ver, a predominância de resistência pacífica, dadas as condições de produção (rigidez e dureza das e nas relações interpessoais, sobretudo ligadas aos “coronéis”), a sutil resistência de enfrentamento, que questiona e desobedece, de certa forma, às ordens, parece emergir em

momentos de grandes tensões físicas e/ou verbais. Depois que o protagonista foi pego pelos soldados, ficou “dois dias de cadeia sem comer nada” (ÉLIS, 1979, p. 93). No terceiro dia, um soldado o levou até Seu Elpídio, que disse a Piano: “rã-rã! Num falei procê que brincadeira com homem fede a defunto!” (ÉLIS, 1979, p. 94). Apesar de o matuto se esforçar de maneira desmedida para conseguir uma enxada, o Coronel o “vê” como um “moleque” sem responsabilidade.

Essa maneira (in)tensa de tentar conseguir tal ferramenta causa, em alguma medida, “fome, incompreensão, cansaço, dores nas munhecas que o sedenho cortou fundo, ardume das lapadas de sabre no lombo, *revolta inútil*, temor de tantas ameaças e nenhum vislumbre de socorro – tramelaram a boca de Piano. Só Elpídio continuava forte como um governo” (grifos nossos) (ÉLIS, 1979, p. 94). Não há diálogo, não há possibilidade de mudança no modo rude de ser do Coronel, não há abertura para a revolta, “revolta inútil”, então Supriano resiste, predominantemente, na pacificidade, embora seja chamado por Elpídio de “negro fujão”. Entretanto, “a necessidade da enxada era tamanha que mesmo naquele transe os lábios de Piano murmuraram: - 'sou honrado, capitão. O que devo, pago. Mas em antes preciso de enxada mode plantar” (ÉLIS, 1979, p. 94). A tentativa (in)consciente de construção de uma imagem valorativa de si – ser honrado, pagar o que deve – soa como certa intolerância ao modo intransigente de o Coronel tratá-lo. Isso permite reafirmar que a resistência de enfrentamento, ainda que suave, parece vir quando da presença de momentos de grandes tensões físicas e/ou verbais, os quais podem ser percebidos em dizeres, como: “cala a boca, sô! Aqui quem fala é só eu” (ÉLIS, 1979, p. 94). Violência verbal essa proferida pelo Coronel Elpídio na sequência do dizer anterior de Supriano. Mesmo sofrendo tal violência, o protagonista, no “bom preceito”, ainda faz um gesto de tirar o chapéu para se despedir, porém, na verdade, não havia mais chapéu: “perdera-se ou foi o soldado que roubou?” (ÉLIS, 1979, p. 95), questiona o narrador.

A relação de violência é passível de ser associada à lembrança que Supriano tem do que aconteceu na cadeia: “num matei, num roubei, num buli com muié dos outros, *gente*. O que eu quero é uma enxada pra mode trabalhar. E num quero de graça não. Agora não posso pagar, mas a safra taí mesmo e eu pago com juro!” (grifo nosso) (ÉLIS, 1979, p. 95). Nesse monólogo, o substantivo “gente”, funcionando como vocativo, parece manter uma relação parafrástica com a interjeição “ara”, já que produz um tom de revolta e de não aceitação, ou seja, uma sutil resistência de enfrentamento. Isso pode ser reforçado com os questionamentos que o protagonista faz sobre não ter matado, roubado ou galanteado mulher alheia. Além

disso, a promessa que faz sobre não querer enxada gratuitamente, pagando-a com juro após o trabalho realizado, indicia tal resistência, mas também, devido à insana insistência na busca por essa ferramenta de trabalho, aponta para o sacrifício e o definhamento de si.

O PROTAGONISTA SUPRIANO: O SACRIFÍCIO DE SI E O SEU DEFINHAMENTO FÍSICO E MENTAL

No início do conto, especificamente no sítio de Seu Joaquim, amigo de Supriano, mesmo este sentindo fome e tendo ajudado a preparar um porco para o amigo, não aceita almoçar, pois acredita ser uma saída para conseguir uma enxada emprestada. Assim, pergunta: “será que mecê tem alguma [enxada] aí pra me emprestar?” (ÉLIS, 1979, p. 84). Logo depois, diz: “a gente não quer de graça. É só colher a roça, a gente paga...” (ÉLIS, 1979, p. 84). O modo como Supriano diz indicia se configurar como um modo modalizado e eufemístico de dizer, já que acaba amenizando, por uma via indireta, um pedido, uma explicação e uma promessa que poderiam ser de maneira direta ao seu interlocutor. A expressão “será que mecê” parece vir no lugar do simples pronome de tratamento “você” ou “cê”. Então, ao dizer desse modo, acirrando o sentido de possibilidade e, conseqüentemente, abrindo margem para a negação de seu pedido, o protagonista mostra-se resignado, sustentando-se como “gente” em meio a uma sociedade cruel e desumana, ocorrendo, a nosso ver, a produção de efeito de sacrifício de si, o que o tira de uma possível posição egoística.

Ainda em relação ao efeito de sacrifício de si percebido no modo modalizado e eufemístico de dizer de Supriano, o pedido que faz ao Coronel Elpídio ratifica esse efeito: “me perdoa a confiança, meu patrão, mas mecê fia a enxada da gente e na safra, Deus ajudando, a gente paga com juro...” (ÉLIS, 1979, p. 86). Discursivamente, esse efeito de sacrifício de si pode ser vislumbrado no próprio reconhecimento inicial da ousadia do pedido, ao iniciar seus dizeres com: “me perdoa a confiança”. Assim, Supriano já estaria se colocando na posição (discursiva e social) de alguém que precisa se desculpar com outrem. Ao obter resposta negativa do Coronel, o protagonista ainda diz: “meu patrãozinho, mas plantar sem...” (ÉLIS, 1979, p. 86), sendo interrompido por Elpídio, que fala a ele, em um tom ameaçador, para ir embora. O uso das expressões “me perdoa a confiança” e “Deus ajudando” e dos dois vocativos “meu patrão” e “meu patrãozinho” (este com a presença da consoante de ligação “z” e do sufixo “-inho”) dão vestígios da maneira resignada de ser de Piano, não só frente à dificuldade de conseguir uma enxada com Seu Elpídio, mas também frente à própria

existência.

Ao ficar na porteira das terras do Coronel, a fim de tentar conseguir tal ferramenta, Supriano dizia para quem passava: “seu moço, num vê que tou aqui com uma roça de arroz no ponto de planta e num tem enxada? Com perdão da pergunta, mas será que mecê não tem por lá alguma enxada assim meia velha pra ceder para a gente?” (ÉLIS, 1979, p. 88), porém não tem êxito. O modo como Piano dirige-se ao seu interlocutor produz efeito de sacrifício de si⁷: “com perdão da pergunta”, “será que mecê” e “enxada assim meia velha”. Chama-nos bastante atenção, nesta e nas outras citações, a presença da expressão “a gente”, a qual parece vir no lugar do pronome pessoal “eu”, o que retira o centro de si, corroborando a ideia de modalização e eufemismo ligada ao modo de dizer do protagonista. Interessante realçarmos que o pronome “eu” até aparece no dizer em questão, “num vê que [eu] tou aqui”, mas ocultamente.

Tendo em vista que não consegue a tão procurada enxada, Supriano acaba delirando e vendo em um pedaço de galho verde a ferramenta, chegando a pedir à esposa Olaia que vigiasse a “enxada”, ou melhor, o galho. Todo machucado, o protagonista faz buracos com o pau, joga sementes de arroz com as mãos e tampa-os com os pés numa profunda profusão de homem-natureza, homem e terra se entremisturando, terra penetrando nas próprias feridas. Um soldado, ao ver cena tão forte, pega um fuzil e atira em Piano, que se esconde atrás de um toco. No conto, nada se diz (textualmente marcado) sobre ele ter morrido ou fugido machucado, por exemplo. O protagonista é simplesmente excluído e, definitivamente, silenciado! Depois do ocorrido, passado algum tempo, bem no final do conto, Olaia, já mais velha, carregada pelo filho “bobo”, já homem, vai à cidade pedir esmola, e ambos se deparam com cenas de desprezo e humilhação, indo logo embora pela rua da cidade, com meninos assoviando e jogando pedras neles.

Ao longo do conto, o matuto dá indícios de definhamento físico e mental, pois, por exemplo, “(...) toda noite que não estivesse de tocaia na porteira, custava a garrar no sono; e, se dormia, acordava açulerado” (ÉLIS, 1979, p. 89). O protagonista parece que não iria se descansar até conseguir uma enxada, de maneira que, em outra cena, quando Seu vigário disse “(...) que o Antero das Pedras de Fogo estava passando mal. 'Que tero que nada' – pensou Piano. O que ele queria era outra coisa, que gente morrendo, isso tinha de toadinha toda a

⁷ Interessante notarmos que o sacrifício de si por parte de Piano extrapola as relações com o Coronel. Trata-se de um modo que lhe é tão próprio a ponto de se estender às demais personagens, o que pode ser visualizado ao longo de todo o conto.

vida” (ÉLIS, 1979, p. 90). Essa atitude de Supriano, de não se importar com a saúde alheia, permite-nos pensar que a enxada para ele não representava ser um objeto qualquer, mas uma questão de honra, já que, provavelmente, para não ser visto como à-toa, ladrão ou preguiçoso, deveria conseguir tal ferramenta e realizar o plantio de arroz. Em outras palavras, uma possível resistência às representações depreciativas, levando-o a se desgastar física e mentalmente.

Mais ao final do conto, referindo-se a Piano, o vigário diz que ele era “(...) um sujeito papudo, muito delicado demais, que por derradeiro foi camarada do delegado e do Capitão Elpídio Chaveiro” (ÉLIS, 1979, p. 94). Alguém que é padre parece tender a empregar um “palavreado” culto, mas, nesse dizer, o adjetivo “papudo” mostra que o vigário estaria funcionando no âmbito do coloquialismo, por, de certa forma, estar se referindo a alguém que não é digno de emprego de termos cultos, alguém segregado socialmente, e/ou estaria fazendo eco ao que do matuto comumente se diz. A palavra coloquial “papudo”, a qual pode se referir a alguém que fala demais, e a expressão coloquial “muito delicado demais”, a qual traz dois advérbios de mesma função para o adjetivo “delicado”, apontam para quem é bom de papo e exagerado na fineza de trato, o que parece não coincidir com o modo de ser coronelesco: emprego de poucas palavras e palavras rudes, agressivas e sarcásticas, uma espécie de exercício de poder com violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso entendimento, “lutar” contra algum exercício de poder pode se dar inconscientemente. “E, atualmente, a luta contra as formas de sujeição – *contra a submissão da subjetividade* – está se tornando cada vez mais importante, a despeito de as lutas contra as formas de dominação e exploração não terem desaparecido. Muito pelo contrário” (grifos nossos) (FOUCAULT, 1995, p. 236). Ao persistir e resistir via modo prestimoso de ser e de dizer, Supriano indicia uma luta “contra a submissão da subjetividade”, mesmo sendo passivo e submisso por não afrontar diretamente o Coronel Elpídio. No entanto, ao tratar o Coronel de maneira educada e gentil, embora seja massacrado física e emocionalmente por ele e “seus” soldados “capangas”, Piano parece lutar, inconscientemente, contra um modo violento de ser, o qual ocorre em decorrência da força social do Coronel, que está acima até mesmo das leis.

Essa resistência parece envolver uma resistência às representações depreciativas acerca de si, visto que, minimamente, Supriano, na visão do delegado, era “velhaco” e, na

visão do Coronel Elpídio, “nego à-toa”. Entretanto, na visão do narrador, “não tinha muita saúde, por via do papo, mas *era bom de serviço*” (grifos nossos) (ÉLIS, 1979, p. 86), ou seja, representação esta que vai de encontro àquelas, o que nos permite pensar, juntamente com Foucault (1995, p. 232), que “(...) enquanto o sujeito humano é colocado em relações de produção e de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas”. O ser humano está, pois, “entranhado” em relações de poder diversas e contraditórias.

Nessa perspectiva, compreendemos que a resistência pacífica de Supriano tem íntima relação com o capitalismo coronelesco, que é marcado por excessos de poder. Imerso no funcionamento dessa sociedade capitalista, o protagonista parece perceber que não é possível resistir pela via de uma afronta direta, já que, se o fizesse, seria banido, apagado, expurgado pelo Estado, ou melhor, pelo próprio Coronel. Conforme Foucault (1995, p. 236), “(...) a maior parte do tempo, o Estado é considerado um tipo de poder político que ignora indivíduos, ocupando-se apenas com os interesses da totalidade ou, eu diria, de uma classe ou um grupo dentre os cidadãos”. Isso permite pensarmos acerca dos soldados “sem nome” realizando “comandos” do Coronel Elpídio. É o Estado se ocupando de uma classe social, qual seja, coronelesca, sociedade essa que, simplesmente, “apaga” quem, de algum modo, a incomoda. Por isso, a resistência de Supriano configura-se, a nosso ver, como uma resistência predominantemente pacífica, visto que, de outro modo, seria humanamente impossível, “revolta inútil”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, v.24, n.9, p.803-809, set., 1972.

CARONE, Edgar. Coronelismo: definição histórica e bibliografia. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v.11, n.3, p.85-92, jul.-set., 1971.

ÉLIS, Bernardo. A enxada. In: ÉLIS, Bernardo. **Veranico de janeiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1979. p.82-110.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-249.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

A saga de Supriano na busca por uma enxada